

## O surrealismo erótico e feminino de Joyce Mansour em seis poemas

Éclair Antonio Almeida Filho

A poeta e escritora Joyce Mansour (1928-1986), egípcia de origem, inglesa de nascimento, é a única mulher oficialmente vinculada ao movimento surrealista francês, do qual começou a fazer parte em 1956. Toda sua obra bilíngüe, que transita pelas línguas francesa e inglesa, está no volume *Poésie et Prose*, lançado pelas Éditions Acte Sud, em 1991, e há muito tempo esgotado. Entre seus principais livros de poesia estão *Rapaces* (1960) e *Carré Blanc* (1965), sendo este último dedicado a André Breton.

Sua poesia marca-se tanto por um mergulho a fundo no universo feminino quanto por um erotismo latente, ímpar em todo o surrealismo francês. Joyce trata seus temas ora com humor negro sarcástico e cruel, ora com sutileza. Às vezes seus poemas soam pessimistas, desesperançados.

Nos seis poemas que escolhi para traduzir, podemos perceber um confronto – religiosidade aliada a erotismo, uma profusão de imagens que remontam à natureza e ao mundo dos sonhos, um chamado a todas as mulheres, um humor fino e cruel contra o mundo dos homens. Todos os seis poemas remetem a cantos, orações, como se tivessem sido escritos para serem declamados.

Na escolha, resolvi apenas um poema de cada livro, seguindo uma ordem cronológica, para assim mostrar a poesia de Joyce

Mansour numa escala temporal. Em cada poema traduzido faço observações sobre pontos em que considero ter obtido soluções satisfatórias.

**De *Cris* (1953)**

Reçois mes prières.  
Avale mes pensées polluées.  
Purifie-moi: que mes yeux s'ouvrent  
Qu'ils voient le sourire intérieur des assassins.  
Et une fois pure  
Judas crucifie-moi.

Receba minhas preces.  
Engula meus pensamentos poluídos.  
Purifique-me: que meus olhos se abram  
Vejam o sorriso interior dos assassinos.  
E uma vez pura  
Judas crucifique-me.

No início da segunda estrofe, ao traduzir “prières” por “preces” pude manter a aliteração em *p*.

*De Dechirures (1955)*

C'était hier.

Le premier poète urinait son amour  
Son sexe en deuil chantait bruyamment  
Les chansons gutturales  
Des montagnes  
Le premier dieu debout sur son halo  
Annonçait sa venue sur la terre évanouie  
C'était demain.

Mais les hommes à tête de chat  
Mangeaient leurs yeux brouillés  
Sans remarquer leurs églises qui brûlaient  
Sans sauver leur âme qui fuyait  
Sans saluer leurs dieux qui mouraient  
C'était la guerre.

Era ontem.

O primeiro poeta urinava seu amor  
Seu sexo em luto cantava ruidosamente  
As canções guturais  
Das montanhas  
O primeiro deus ereto sobre seu halo  
Anunciava sua vinda sobre a terra esvaída  
Era amanhã.

Mas os homens com cabeça de gato  
Comiam seus olhos embaraçados  
Sem notar suas igrejas que queimavam  
Sem salvar suas almas que fugiam

Sem saudar seus deuses que morriam  
Era a guerra.

Nesse caso, considero que consegui um bom efeito sonoro-semântico em língua portuguesa no sétimo verso ao traduzir "évanouie" por "esvaída", pois no verso se contrapõem a "vinda" com a "ida" que ressoa em "esvaída".

### **De *Rapaces* (1960)**

#### **Chant Arabe**

L'œil bascule dans la nuit au moment du trépas  
O la blanche fulgurante folie des ailes qu'on ne connaît pas  
Ouâtées de silence elles frôlent le bras sur l'oreiller  
Et ouvrent l'œil rond à la nuit de l'impalpable  
Le froid tisseur de tubéreuses trépigne sur ma pupille  
Je vois glisser la tenture mobile de l'horizon qui rutile et qui  
s'agite  
Telle une peau frémissante sur un corps qui se dérobe  
La houle feutrée de mon abdomen se fige de peur démente  
J'éternue mais je ne bouge pas  
Et l'œil qui cloître mes rêves qui nage et qui clignote  
L'œil envahit mes nuits  
La nuit la nuit l'orage  
L'œil éblouissant aux floraisons étranges  
L'œil malade d'images

## **Canto Árabe**

O olho balança na noite na hora do passamento  
Ó a branca fulgurante loucura das asas que ninguém conhece  
Guarnecidas de silêncio elas roçam o braço sobre o travesseiro  
E abrem o olho redondo à noite do impalpável  
O frio tecelão de tuberosas tripudia sobre a minha pupila  
Vejo deslizar o forro móvel do horizonte que rutila e se agita  
Como uma pele arrepiante sobre um corpo que se esquiva  
O marulho feltrado do meu abdômen se congela de medo  
            demente  
Espirro mas não me mexo  
E o olho que encerra meus sonhos que nada e pisca  
O olho invade as minhas noites  
A noite a noite a tempestade  
O olho ofuscante de florações estranhas  
O olho doente de imagens

No quinto verso, consegui manter as aliteraões em *t*, *p* e *l*, bem como as assonâncias em *i* e *u*. Observo ainda que voltei meus esforços para reconstituir em língua portuguesa toda a sonoridade nasal presente no texto francês.

*De Carré Blanc (1965)*

**L'Appel Amer D'un Sanglot**

Venez femmes aux seins fébriles  
Ecouter en silence le cri de la vipère  
Et sonder avec moi le bas brouillard roux  
Qui enfle soudain la voix de l'ami  
La rivière est fraîche atltour de son corps  
Sa chemise flotte blanche comme la fin d'un discours  
Dans l'air substantiel avare de coquillages  
Inclinez-vous filles intempestives  
Abandonnez vos pensées à capuchon  
Vos sottés mouillures vos bottines rapides  
Un remous s'est produit dans la végétation  
Et l'homme s'est noyé dans la liqueur

**O Apelo Amargo de um Soluço**

Venham mulheres de seios febris  
Escutar em silêncio o grito da víbora  
E sondar comigo o baixo nevoeiro ruivo  
Que infla de súbito a voz do amigo  
O rio é fresco em torno do corpo dele  
Sua camisa flutua branca como o fim de um discurso  
No ar substancial avaro de conchas  
Inclinem-se moças intempestivas  
Abandonem seus pensamentos de chapeuzinho

Suas imbecis molhadelas suas botas rápidas  
Um redemoinho se produziu na vegetação  
E o homem se afogou no licor

No nono verso, ao traduzir “capuchon” por “chapeuzinho”, penso ter reforçado a apelo que o poema faz para que as mulheres deixem de ser ingênuas e passivas, e passem a ser mais ativas.

*De Flammes Immobiles* (1985)

Brûler de l'encens dans la quiétude d'une chambre  
Loin derrière les récifs d'une journée climatique  
Suivre de longues queues de noir vêtues  
Dans les cimetières où dorment les années révolues  
Pleurer des morts qui fleurissent comme jambons de Parme  
Creuser des rides dans les champs  
Crever l'oeil stagnant de la nuit  
Embrasser le pied d'un pape alpiniste  
Ou laper l'huile qui suinte des idoles endolories  
Par trop de caresses  
Tout cela me fatigue  
M'exaspère

Rien ne vaut une bonne dose de rage  
Pour partir  
Car le pied crée le chemin use le roc  
Et renverse le totem qui titube  
Dans la peur tropicale des églises

Il faut noyer le coq à sa naissance  
Empêcher les aveugles de mener le train  
Les prairies de la mort papillonnantes de papiers gras  
Bordent nos songes de leurs hauts cris  
Raison de plus pour en rire

\*

Queimar incenso na quietude de um quarto  
Longe atrás dos recifes de uma jornada climática  
Seguir longas caudas de negro vestidas  
Nos cemitérios onde dormem os anos passados  
Chorar mortos que florescem como presuntos de Parma  
Cavar sulcos rugosos nos campos  
Furar o olho estagnante da noite  
Beijar o pé de um papa alpinista  
Ou lamber o óleo que escorre dos ídolos doloridos  
Com excesso de carícias  
Tudo isso me fatiga  
Me exaspera

Nada vale uma boa dose de raiva  
Para partir  
Pois o pé cria o caminho desgasta a rocha  
E derruba o totem que titubeia  
No medo tropical das igrejas  
É preciso afogar o galo em seu nascimento  
Impedir os cegos de conduzir o trem  
As pradarias da morte borboleteantes de papéis grassos



Margeiam nossos sonhos com seus altos gritos  
Razão a mais para rir

No segundo verso da segunda estrofe tive de me utilizar do recurso da "dupla tradução", muito utilizado por Cláudio Willer em sua tradução para o livro *Uivo, Kaddish e Outros Poemas*, de Allen Ginsberg. Como nesse verso em francês "rides" pode significar tanto "sulcos" quanto "rugas", resolvi criar a expressão "sulcos rugosos" a fim de manter, por metonímia, o sentido de ruga junto à palavra "sulcos".

*De Posthumes et Divers (1991)*

### **Bleu Comme Le Désert**

Heureux les solitaires  
Ceux qui sèment le ciel dans le sable avide  
ceux qui cherchent le vivant sous les jupes du vent  
Ceux qui courent haletants après un rêve évaporé  
Car ils sont le sel de la terre  
Heureuses les vigies sur l'océan du désert  
Celles qui poursuivent le fennec au-delà du mirage  
Le soleil ailé perd ses plumes à l'horizon  
L'éternel été rit de la tombe humide  
Et si un grand cri résonne dans les rocs alités  
Personne ne l'entend personne  
Le désert hurle toujours sous un ciel impavide  
L'œil fixe plane seul  
Comme l'aigle au point du jour

La mort avale la rosée  
Le serpent étouffe le rat  
Le nomade sous sa tente écoute crisser le temps  
Sur le gravier de l'insomnie  
Tout est là en attente d'un mot déjà énoncé  
Ailleurs

### **Azul Como o Deserto**

Felizes os solitários  
Os que semeiam o céu na areia ávida  
Os que buscam todo elemento vivo sob as saias do vento  
Os que correm ofegantes depois de um sonho evaporado  
Pois são o sal da terra  
Felizes as vigias sobre o oceano do deserto  
As que perseguem o feneco<sup>1</sup> muito além da miragem  
O sol alado perde suas plumas no horizonte  
O eterno estio ri da tumba úmida  
E se um grande grito ressoa nas rochas acamadas  
Ninguém o ouve ninguém  
O deserto uiva sempre sob um céu impávido  
O olho fixo plaina só

---

Nota do tradutor: segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, feneco é uma "designação comum às pequenas raposas do gên. *Fennecus* com uma única sp. (*Fennecus zerda*), encontrada nas regiões desérticas do Norte da África. Possui cerca de 70 cm de comprimento do focinho à cauda, e grandes orelhas".

Como a águia no despontar do dia  
A morte engole o orvalho  
A serpente sufoca o rato  
O nômade sob sua tenda escuta o tempo ranger  
Sobre o cascalho da insônia  
Tudo está lá na espera de uma palavra já enunciada  
Alhures

No nono verso, reconstituí a aliteração de *t* presente em francês na expressão "éternel été", traduzindo-a então por "eterno estio". Em língua portuguesa, "estio" pode se referir tanto a "verão" quanto a períodos em que não chove. Assim extendo mais o sentido de um tempo seco.